

MUSEU DA PESSOA

História

Pára-quadras: A maior de todas as adrenalinhas

História de: [Jeferson Biela](#)

Autor: [Jeferson Biela](#)

Publicado em: 11/08/2006



História completa

Lembro-me bem do que fiz com o primeiro pagamento que recebi do meu primeiro trabalho registrado em carteira. Não sei ao certo quanto foi, só sei que era o suficiente para pagar uma das parcelas do curso que há anos sonhava fazer: o de pára-quadismo. Também não quis esperar muito economizando dinheiro para pagar à vista, pois caso acontecesse alguma coisa errada eu não teria gastado tanto dinheiro assim. Chegando ao hangar, o que mais me chamou a atenção à primeira vista não foram necessariamente os equipamentos e aparatos tecnológicos do esporte, mas sim uma loira excepcionalmente linda que estava lidando com algumas ferramentas e tudo o mais. Perguntei a um dos rapazes encarregados pela dobragem dos pára-quadras quem era a gatinha, e ele limitou-se a responder: “É a minha namorada, por quê?” E para a minha infelicidade, fiquei sabendo que esse era o cara que iria dobrar o meu pára-quadras... Já iniciado o curso, e após ter levado uma bronca por ter dito "pular" e não "saltar" – pois quem pula é só pipoca e perereca –, o instrutor perguntou a cada um de nós, alunos, a razão de estarmos ali. As respostas foram as mais variadas possíveis, desde provar algo a si mesmo, superar o medo de altura e até mesmo fim de namoro, falta de sentido na vida, etc... Incrível. Na minha vez, pensei, pensei... E respondi que era mesmo pelo desafio irracional com o intuito de manter uma postura machista e ignorante inerente à minha própria natureza desprezível – afinal, sou um homem (não foram bem essas as palavras, mas algo do tipo)... Optei pelo salto individual acompanhado por dois instrutores, um de cada lado, apenas orientando. O salto duplo teria sido bem mais simples e barato, mas

com certeza não estaria compartilhando essa aventura com vocês nesse momento, pois não acho que me sentiria muito honrado em contar que tinha outro cara agarrado em mim (e por trás, o que é pior). Treinos, treinos, técnicas e procedimentos vistos e revistos exaustivamente por todo o final de semana para que tudo saísse perfeito durante o salto. No domingo, sorteio para ver quem iria primeiro – obviamente, eu fui o escolhido. Foto com a turma para a posteridade e embarque no Cessna azul de reputação um tanto duvidosa. No avião estavam empilhados o piloto, os dois instrutores que iriam me acompanhar e um senhor, com seus quase 60 anos de idade e já muito experiente nesse esporte, o que fez com que se esvaísse toda a minha arrogância por estar vivendo essa experiência. Decolamos. O avião custou a subir os quase dez mil pés (quase meia hora de vôo) até o instrutor dar um tapinha nas costas do piloto e gritar "Corta" para o motor desacelerar e podermos nos posicionar. Saímos do avião e, já em posição de "sela", projetei-me ao vazio. A sensação é extrema, impossível de reproduzir em palavras. Os sons e pensamentos desaparecem por completo – você passa a fazer parte de uma outra dimensão, bem além do real. Gritar é o meio de exteriorizar toda a adrenalina liberada até chegar o momento em que os instrutores exigem a sua atenção, fazem de tudo para trazer fragmentos do nosso consciente à realidade para poderem passar as instruções praticadas no solo. Sinais com as mãos mostram o posicionamento ideal, tanto das pernas quanto dos braços, e a atenção que se deve ter com a marcação do altímetro. Cinco mil pés, hora de acionar o punho e sentir o impacto causado pelo velame inflado. “Meu Deus O visual é lindo...” Mas tenho que me ater aos procedimentos. E como não poderia deixar de ser, identifiquei quase todos os problemas possíveis, começando pelo "twist" (ou linhas enroladas) – o que se resolve simplesmente chutando o ar para desmanchar. Em seguida, percebi que um dos gomos do velame não estava inflado, então puxei os dois manobreadores para baixo e senti uma freada brusca, ao mesmo tempo em que o gomo problemático inflava-se novamente. Agora sim, tranquilidade para poder curtir o visual e brincar com os comandos dos manobreadores. Alguns longos minutos se passaram até o primeiro contato pelo rádio dando “ok” e passando as coordenadas para o pouso. Vento de nariz, tensão constante com o chão crescente à minha frente. Manobreadores rapidamente posicionados para baixo, velame recolhido, freada súbita e contato com o solo, seguido de tropeção e um fantástico mergulho de cabeça naquele solo lunar do campo de aviação. Pude perceber que a desaceleração não foi suficiente para evitar a minha aterrissagem desastrada, mas foi muito divertido assim mesmo... Posso dizer, sem dúvida nenhuma, que foram os trinta segundos mais caros, porém mais emocionantes de toda a minha vida